

**“UMA AVEZINHA SILVESTRE” – A RETÓRICA DA MODÉSTIA E A
VALORIZAÇÃO FEMININA NO PRÓLOGO DO ROMANCE ÚRSULA, DE MARIA
FIRMINA DOS REIS**

*“UMA AVEZINHA SILVESTRE” – THE RHETORIC OF MODESTY AND FEMALE
APPRECIATION IN THE PROLOGUE OF THE NOVEL ÚRSULA, BY MARIA FIRMINA
DOS REIS*

André Araújo do Nascimentoⁱ
Sarah Diva da Silva Ipirangaⁱⁱ

Resumo: Este ensaio examina as estratégias discursivas presentes no prólogo do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, revelando como a autora equilibra a humildade aparente com uma crítica sutil às expectativas de gênero da época. A introdução do livro é uma entrada única para a compreensão da experiência estética e inserção social da escritora maranhense, não apenas pelas suas motivações para a publicação, mas também pelos desafios enfrentados como mulher escritora em uma sociedade patriarcal. Ela desvela-nos uma complexa teia de estratégias discursivas, como a utilização da modéstia aparente, a autocrítica e as metáforas cuidadosamente escolhidas, tecendo, assim, uma narrativa que desafia as normas de sua época. Este ensaio busca, portanto, analisar essas estratégias, contribuindo para uma compreensão mais profunda não apenas da obra em questão, mas também do papel das mulheres na Literatura do século XIX no Brasil.

Palavras-chave: Estratégias Discursivas; Expectativas de Gênero; Mulher Escritora; Literatura do Século XIX.

Abstract: *This essay examines the discursive strategies presented in the prologue of the novel *Úrsula*, written by Maria Firmina dos Reis, revealing how a female writer balances an apparent humility with a subtle critique of gender expectations of the time. The introduction of the book is a unique entry into understanding the aesthetic experience and social insertion of this writer from Maranhão, not only because of her motivations for publishing, but also because of the challenges she faced as a woman writer in a patriarchal society. She develops a complex web of discursive strategies, such as the use of apparent modesty, self-criticism and carefully chosen metaphors, weaving a narrative that challenges the norms of her time. This essay therefore seeks to analyze those strategies, contributing to a deep understanding not only of the work in question, but also of the role of women in 19th century literature in Brazil.*

Keywords: *Discursive Strategies; Gender Expectations; Woman Writer; 19th Century Literature.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Mestre em Educação Brasileira (UFC) e Professor da Rede Estadual de Ensino do Ceará (SEDUC). *E-mail:* andrenascimento76@hotmail.com.

ⁱⁱ Doutora em Educação Brasileira (UFC), com Estágio Pós-Doutoral em Literatura Comparada (Universidade de Lisboa) e Professora Associada de Literatura Brasileira (UECE). *E-mail:* sarah.diva@uece.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor” (Reis, 2022, p. 9). Com essa introdução, Maria Firmina dos Reis (1822/25-1917), “Uma Escritora” maranhense, como ela assinou o livro, nos apresenta *Úrsula*, romance publicado em vida, em 1859. Serão muitos os percursos para que esse livro sobreviva: fica praticamente esquecido e perdido durante dezenas de anos até ser recuperado em 1975, em edição fac-similar preparada por Horácio de Almeida¹, como se, de certa forma, o prólogo configurasse quase um vaticínio: “Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume” (Reis, 2022, p. 9). Depois desse processo de esquecimento-arquivamento, *Úrsula* sobrevive e chega à contemporaneidade enquanto fonte singular de estudos sobre o século XIX na Literatura Brasileira².

O tom de menosprezo em relação à obra, fruto talvez de uma humildade devida a sua condição – mulher e preta – revela-nos muito do que significava se inserir num mundo masculino e que se queria homogêneo no Brasil dos oitocentos: “Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher” (Reis, 2022, p. 9). Além disso, Firmina falava a partir do Maranhão, província distante dos grandes centros, apesar de reconhecida literariamente na figura de Gonçalves Dias (1823-1864), de quem ela foi contemporânea.

Assim, a condição de gênero e a geográfica ditam inicialmente as palavras do Prólogo: “[...] e mulher brasileira, de educação acanhada [...] com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo” (Reis, 2022, p. 9). Ou seja, negar-se antes de afirmar-se era quase uma estratégia de sobrevivência. Não se ousava gritar nessa época, pois tais polêmicas ficavam para os homens, que dela fizeram bom uso, se pensarmos nas discussões de José de Alencar com Franklin Távora e Visconde de Taunay, entre tantos outros com quem o escritor cearense se indispôs³: “[...] sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem” (Reis, 2022, p. 9).

¹ Mais informações sobre o percurso de redescoberta do livro podem ser encontrados em: MORAIS FILHO, J. N. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luiz: COCSN, 1975.

² Hoje há um grande volume de trabalhos acadêmicos com estudos sobre a escritora e sua obra. Entre eles, podemos destacar: MARRA, L. *A narrativa de Maria Firmina dos Reis: nação e colonialidade* (UFMG, 2000) e SANTOS, C. S. dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX* (Unicamp, 2016).

³ O livro *O inimigo do Rei* (2006), do escritor e jornalista cearense Lira Neto, é uma extensa pesquisa sobre as controvérsias entre José de Alencar e o Imperador Pedro II.

Professora, aparentemente serena, como se depreende dos depoimentos de suas/seus ex-alunas/os, um tanto melancólica, a ver o que dizem suas confissões no livro-diário *Álbum* (1865), Firmina preferiu um tom mais “baixo” para se fazer ouvir, uma “mezzo soprano”, de forma a não atrapalhar os tenores de então. Para escutar essa voz, este ensaio organiza-se a partir de alguns elementos que nos dão as pistas da construção narrativa singular do “Prólogo”: a suposta desvalorização do eu feminino escritural, a reelaboração do caminho de escrita a partir dos campos semânticos das metáforas (maternidade e natureza) e o discurso dialogado com o leitor.

1 UM PESO E DUAS MEDIDAS

Em *Úrsula* se desenrola a triste história da jovem bela, ingênua e desprotegida cujo nome encima o romance. Em meio a sofrimentos de toda ordem (a solidão, a difícil descoberta do amor e do desejo, as dores familiares), a protagonista, num meio rural que lembra o cenário de *Inocência*, de Taunay, será disputada por dois homens (Tancredo, o idealizado herói romântico, e comendador P., seu odioso tio – que assassinara seu pai muitos anos antes, aterrorizava sua mãe paraplégica e doente e obsessivamente desejava casar-se com ela, mesmo sendo seu tio materno).

A estrutura narrativa paga o preço à tradição: é um folhetim ultrarromântico, que obedece aos padrões da época. No entanto, em outra margem, Firmina insere personagens pretos (Túlio e Susana) e dá a eles uma vida narrativa própria; personagens com passado, história e experiência (embora sem futuro). Nesse desvio, encontra-se a novidade do texto e a “dobra” da autora, seu curso particular no caudaloso rio do romantismo brasileiro.

Pela primeira vez na Língua Portuguesa, uma mulher – e, com efeito, uma mulher preta, pobre e descendente de ex-escravizadas, de paternidade ausente, órfã de mãe na aurora da vida, criada por mulheres em um lar ginococêntrico e tendo recebido uma parca educação formal – escreve um romance antiescravocrata a partir do ponto de vista das/dos ex-escravizadas/os, dando-lhes lugar de fala e denunciando, por meio dessas personagens fidedignas, todo o horror da escravidão por quem realmente o sofreu. Mais do que isso: utilizando-se de passagens extraídas da própria Bíblia para fundamentar seus argumentos, ela mostra quão indigna do apoio divino é a prática escravagista – ousadas essas completamente impensáveis para uma escritora da época, em pleno Nordeste, palco do descaso político desde sempre –, ainda mais sendo o fazer literário uma função atribuída aos homens. Leia-se: homens cis brancos, abastados, cultos e privilegiados.

Então, como apresentar *Úrsula* ao mundo dos homens e brancos com essa diferente perspectiva? Talvez o “Prólogo” seja a estratégia para ancorar sua novidade em espaço tão delimitado, uma vez que a autora não apenas convida à reflexão, mas também instiga a reconsideração acerca das normas sociais e de gênero que limitavam as mulheres no campo literário.

Ao longo da tradição literária brasileira, observa-se que a participação da mulher como autora de textos literários foi silenciada, seja pela falta de destaque na historiografia do Brasil, seja pelo menosprezo de suas obras, consideradas de menor importância e, conseqüentemente, negligenciadas pelas/os historiadoras/es. Essas obras ainda enfrentam estigmas culturais até os dias de hoje.

Maria Firmina dos Reis desfrutou de um sucesso relativo em sua época, recebendo elogios da imprensa local quando suas obras foram publicadas. Tanto ela quanto seus textos eram reconhecidos em sua província, como evidenciado pelos comentários favoráveis em periódicos locais. No entanto, apesar do reconhecimento, a obra literária dessa escritora maranhense foi esquecida durante muitos anos, assim como a produção de outras mulheres que contribuíram para a literatura do século XIX.

Muzart (2003) aponta que o romance *Úrsula* teve uma repercussão limitada devido à sua publicação na periferia, longe da Corte, e por ser obra de uma mulher preta. Essa situação é agravada pelo conteúdo do livro, que era considerado bastante revolucionário para a época, especialmente na província do Maranhão, uma das mais escravistas do país. A coragem de denunciar a violência e a ilegitimidade da escravidão naquele contexto era, portanto, um ato de coragem significativo como supra posto.

Assim, o valor estético não é o único fator determinante para a canonização ou obliteração de uma obra, sugerindo que quanto mais pronunciado for o potencial revolucionário e desestabilizador da ordem estabelecida contido em suas linhas e entrelinhas, maior será o risco de que uma das instâncias anteriormente mencionadas intervenha para obstruir sua trajetória e preservação (Bernd, s/d).

Para Antonio Candido (2003), em uma sociedade rigidamente estratificada, sujeita à crueldade de uma dominação fundamentada na escravidão, enquanto algumas/uns escritoras/es e intelectuais reforçaram os valores estabelecidos, outras/os, por vezes, exploraram a ambigüidade de suas ferramentas e posições para realizar o que é viável em tais circunstâncias: proporcionar voz àquelas/es que não teriam a capacidade ou o conhecimento para se expressar em níveis tão elevados.

Tal ambiguidade é evidente no “Prólogo”, pois ele cria um conjunto literário marcado também pela ironia. O suposto assujeitamento viria como um riso delicado, quase dissimulado, em que os lugares da glória masculina são desconstruídos: “Não é a **vaidade** de adquirir nome que me cega, nem o **amor próprio** de autor” (Reis, 2022, p. 9, grifos nossos).

Ao revés desses índices da masculinidade (vaidade e amor próprio), Maria Firmina insere uma condição feminina delicada, ausente de tais cobranças, uma “donzela que não é formosa”, que de igual forma evoca a imagem de uma obra que não se encaixa nos padrões estéticos convencionais. Essa metáfora, entretanto, transforma a “falta de beleza” em uma força, apelando para a compaixão e despertando o interesse daqueles que a desdenharam:

[...] a donzela, que não é formosa; porque a natureza negou-lhe as graças feminis, e que por isso não pode encontrar uma afeição pura, que corresponda ao afeto da sua alma; mas que, com o pranto de uma dor sincera e viva, que lhe vem dos seios da alma, onde arde em chamas a mais intensa e abrasadora paixão, e que embalde quer recolher para a corução, move ao interesse aquele que a desdenhou e o obriga ao menos a olhá-la com bondade (Reis, 2022, p. 9).

Assim, estabelece-se entre o livro e sua defesa de publicação um jogo em que vários lugares estáveis de coerção social e literária são desestabilizados: “Deixai, pois que a minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós” (Reis, 2022, p. 9). Defender o livro, por conseguinte, é também defender as mulheres.

Ao conceber *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desafia conscientemente as normas estéticas impostas às protagonistas femininas de então. Isso ocorre mesmo quando, no romance, a jovem é descrita como uma heroína tipicamente romântica, tanto física quanto psicologicamente: pálida, com tranças negras, ombros de marfim e uma aura de delicadeza e pureza. É relevante observar os comentários do narrador em relação à maneira como a jovem cuida de Tancredo:

É que aquele anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diuturnos cuidados, que dava à sua mãe enferma [...] Era ela tão caridosa... tão bela... e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos negros, formosos e melancólicos (Reis, 2022, p. 24).

De uma maneira bem particular, a autora promove uma dicotomia nas expectativas da/o leitora/or, convidando-a/o a questionar a validade desses padrões. O desafio reside no fato de que Maria Firmina dos Reis estava ciente do papel inferior designado à mulher no século XIX. Ela elaborou habilmente a posição do feminino na sociedade patriarcal, assim como o papel da personagem feminina e do povo preto como figuras de ficção, contrastando-os com personagens

que representam os proprietários no contexto literário da obra. Esses últimos são relegados a um papel secundário no romance.

2 ÚRSULA: UMA FILHA PRÓDIGA

A discussão travada no item anterior sobre as condições de gênero na escrita do Brasil dos oitocentos encontra na metáfora da maternidade, empregada pela autora para defender a publicação do seu livro, uma delicada artimanha para, ao usar o lugar comum, dele se afastar. Depois de elencar os vários motivos para dar a ver uma história “claudicante”, ela mesma articula a contra-argumentação:

Então por que o publicas? – perguntará o leitor.
Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa – os defeitos, os achaques, as deformidades do filho – e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado (Reis, 2022, p. 9).

Os lugares comuns relativos ao amor materno aparecem com clareza na assertiva: falta de razão, adoração do filho e ausência de percepção dos defeitos, dentre outros. O importante e diferenciado, entretanto, a se notar é o lugar ocupado: o de mãe. A elas, as mães, cabiam outras funções nessa época, que não incluíam o escrever. Por isso, podemos perceber, literariamente, uma deriva leve, como cabe à escritora. Se todas/os devem perdoar uma mãe por cuidar desmesuradamente da prole, o mesmo argumento vale para as mães das palavras. O convencimento, então, é arguto, pois parte de uma fragilidade para justificar uma “afoiteza”.

Esse lugar de identidade, mãe narradora, destoa, de igual forma, do habitual da prosa de então, em que as mães são narradas e estão dentro de uma estrutura muito convencional, como acontece no próprio romance *Úrsula*. Nele, todas as mães são muitíssimamente sofredoras e sucumbem aos maus-tratos de que são vítimas. Já a Firmina que introduz o romance é uma mãe que sabiamente negocia, sem capitular. Assim, temos uma dupla *persona* no livro: aquela que argumenta (“Prólogo”) e a que obedece, embora com reservas (romance).

Podemos perceber, conseqüentemente, que a cadeia leitora migra para um outro nível de elaboração semântica, o imaginário da família, em que os tradicionais papéis de mãe, pai e filho encontram uma ressignificação. Para visualizarmos melhor essa condição de produção, leitura e recepção, trazemos, um século avante, um depoimento de Guimarães Rosa, numa carta que escreve ao seu tio Vicente. Nela, quando explica o porquê de não gostar de dar entrevistas, mesmo sabendo que elas podem ser uma boa fonte de propaganda, a comparação entre livros e

paternidade é o recurso utilizado, como Firmina também o fez, para justificar sua posição. Rosa comporta-se como pai dos seus livros, exercendo uma paternidade ficcional que guarda com a “real” uma similaridade de métodos educativos:

Trato meus livros como se filhos fossem. Enquanto os estou escrevendo, são menores e precisam de toda a minha atenção e dedicação completa. Sacrifico-me por eles, neles só penso. A publicação é o sinal de maior idade de cada um. São lançados ao mundo e eles que se arranjam como puder. Meus livros são como aves, depois que alçam vôo, não precisam de ajuda dos pais, já foram preparados para viverem independentemente (Guimarães 2006, p. 166).

A visível diferença entre os papéis está no cuidado posterior com os filhos-livros: o Pai os acompanha até a maioridade, a Mãe permanece ao seu lado, justificando sua existência.

É bom atentar, todavia, que o tom do “Prólogo” acontece em boa parte de produção feminina antes das muitas conquistas feministas do século XX, quando era necessária uma chancela para se inserir no mundo das letras ou artístico, em geral⁴. Exemplos há vários, mas por uma questão de economia espacial na mancha gráfica deste trabalho, vejamos apenas outra escritora brasileira, igualmente uma nordestina ignorada por décadas e recuperada posteriormente: a cearense Emília Freitas (1855-1908).

Em seu romance *A Rainha do Ignoto*, publicado em 1899 e inaugurando o gênero ficção científica no Brasil, há uma apresentação semelhante, cujo título chama logo a atenção pelo destaque dado aos homens: “Aos gênios de todos os países e, em particular, aos Escritores brasileiros”. Não cabe aqui uma discussão sobre a categoria de gênio⁵, mas essa distância entre genialidade e inferioridade pressupõe um outro par: homens e mulheres. Ou seja, a técnica, aqui em volume mais alto, se repete: falar, de baixo, para os que estão acima. Vejamos em sequência os dizeres de Emília:

Vós, que brilhaís como estrelas de primeira grandeza no firmamento alteroso da Ciência, da Literatura e das Artes, podereis estranhar o meu oferecimento, e chamá-lo de ousadia, se não reflexionares que o mais poderoso monarca pode sem humilhação aceitar um ramalhete de flores silvestres das mãos grosseiras de uma camponesa, que para oferecê-lo curve o joelho e incline a cabeça em sinal de respeito, estima e admiração (Freitas, 2003, p. 27).

⁴ Mesmo em tempos posteriores, esse sentimento de falta acompanha algumas escritoras. Vejamos uma declaração de Clarice Lispector: “[...] e eu sou tão má leitora que, agora sem pudor, digo que não tenho mesmo cultura” (2004, p. 46).

⁵ Norbert Elias, em *Mozart: sociologia de um gênio* (1994), analisa a categoria de “gênio” como um elemento historicamente condicionado, muito além das chamadas forças espirituais e de inspiração tão atreladas ao conceito.

Os índices de submissão são visíveis na seleção vocabular (monarca, camponesa, curve, respeito etc.) e indicam, aparentemente, uma ideia e uma condição: a mulher, ser “inferior”, que se curva diante dos homens e mestres, pede permissão para vir à luz (quando ela é quem dá à luz). Para além dessa aparência, o que se coloca é a possibilidade de jogo que o texto enuncia. Não é uma capitulação e sim uma jogada de mestra. Ressalte-se aqui que logo após essa introdução, que está assinada como “A autora”, segue-se um outro texto, dessa vez intitulado “Ao leitor”, em que o tom muda bastante e a conversação é menos subserviente, aliás, até aguerrida e que está assinado como Emília Freitas. Não nos cabe nesse espaço analisar esse outro texto, mas é bom destacar a clareza da compreensão da cadeia leitora: o cânone (na introdução), a recepção (em “Ao leitor”) e a dissimulação narradora (as duas assinaturas).

Além da condição de maternidade, outro nível de elaboração discursiva tem lugar no “Prólogo” e é uma constante na obra de Maria Firmina dos Reis: a presença da natureza. Como boa mãe, seu império seria o da imaginação e nele ganha força o elemento natural: “O nosso romance, gerou-o a imaginação, e não o soube colorir, nem aformosentar. Pobre avezinha silvestre, anda terra a terra, e nem olha para as planuras onde gira a águia” (Reis, 2022, p. 9).

A dicotomia feminino-masculino (mãe-pai) migra agora para a paisagem e seus habitantes: os homens seriam como águias e arrastam consigo todas as qualidades que o campo semântico pode agregar: força, determinação, coragem. Já as mulheres e, em consequência, seus livros, têm no espelho a imagem de uma avezinha silvestre, em que o diminutivo já aponta para um deslocamento do menor. No entanto, como o próprio texto nos diz, a avezinha anda na terra e não olha para as alturas. Ou seja, ela cria seu próprio caminho no chão da vida, pois a imaginação é o seu ar.

Por isso, entre mães e pais, avezinhas e águias, uma história da Literatura Brasileira se reconstrói sabiamente no “Prólogo” e dá à luz uma filha pródiga: *Úrsula*. Uma filha que nos deixa uma grande lição: a Literatura Produzida por Mulheres implica uma dupla conquista – a obtenção da identidade e a consecução da expressão escrita.

A formação da mulher como agente discursivo resulta na integração inseparável de identidade e escritura, afastando-a do papel meramente passivo no discurso masculino. A escrita feminina fundamenta a identidade por meio de técnicas literárias sofisticadas, exemplificadas – a título de ilustração, ao incorporar, na própria obra literária, como está sendo observado neste ensaio, a dinâmica entre submissão e transgressão. Nesse sentido, emerge a complexidade do papel da escritora e do escritor na tessitura social marcada pela opressão e pela desigualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da encruzilhada entre a reafirmação dos valores dominantes e a possibilidade de subverter o sistema ao explorar as nuances de suas próprias ferramentas e posições, está a resposta ao público leitor. Esse ato de resistência literária, ao mesmo tempo sutil e poderoso, reforça a ideia de que, mesmo em condições adversas, a linguagem e a posição social podem ser utilizadas como instrumentos de subversão e construção de uma narrativa que transcenda as limitações impostas pela ordem vigente.

Assim, a ambiguidade torna-se um espaço criativo e transformador, onde a voz dos oprimidos pode encontrar eco e ressonância, contribuindo para uma compreensão mais rica e matizada da realidade social.

Com este ensaio que ora chega ao seu final, pretendemos mostrar os meandros semânticos sub-reptícios do prólogo de Maria Firmina dos Reis em seu *Magum Opus* – o romance *Úrsula*. Reiteramos que a retórica da modéstia da mulher escritora era uma ferramenta da época, utilizada por diversas beletristas que vivenciaram o não pertencimento ao ambiente literário consentido aos homens, o discurso feminino por eles controlado, assim como o cerceamento da subjetividade e criatividade femininas pelo masculino. Firmina, também nesse sentido, foi “Uma Maranhense” que imprimiu sua marca indelével e pioneira em nossas letras.

REFERÊNCIAS

BERND, Z. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

CANDIDO, A. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003.

ELIAS, N. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREITAS, E. *A rainha do ignoto*. 3 ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

GUIMARÃES, V. *Joãozinho: a infância de Guimarães Rosa*. 2 ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

LIRA NETO, J. de C. *O inimigo do rei*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2006.

LISPECTOR, C. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MARRA, L. *A narrativa de Maria Firmina dos Reis: nação e colonialidade*. 2000. 191 f. Tese (Doutorado em Letras Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.

MORAIS FILHO, J. N. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luiz: COCSN, 1975.

MUZART, Z. L. Resgates e ressonâncias: uma Beauvoir tupiniquim. In: BRANDÃO, I.; MUZART, Z. L. (Orgs.) *Refazendo nós*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, pp. 137-145.

REIS, M. F. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

SANTOS, C. S. dos. *A escritora Maria Firmina dos Reis: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Campinas, 2016.